Realize a leitura reflexiva do texto, destacando partes que lhe chamaram a atenção. Considere os seguintes questionamentos: Como a cultura influencia a forma como vemos o mundo? As pessoas percebem a realidade da mesma forma? Como isso pode aparecer na escola?

1. A Cultura Condiciona a Visão de Mundo do Homem

Na primeira parte deste trabalho discutimos o desenvolvimento, na antropologia, do conceito de cultura. Mostramos também as explicações da ciência para o processo de evolução biocultural do homem. Em outras palavras, vimos como a cultura, a principal característica humana, desenvolveu-se simultaneamente com o equipamento fisiológico do homem. Preocupamo-nos então em fornecer uma descrição diacrônica do próprio desenvolvimento teórico da antropologia. Nesta segunda parte pretendemos mostrar, de uma maneira mais prática, a atuação da cultura e de que forma ela molda uma vida "num ser biologicamente preparado para viver mil vidas".

Ruth Benedict escreveu em seu livro *O crisântemo e a espada*[1] que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas. Por exemplo, a floresta amazônica não passa para o antropólogo — desprovido de um razoável conhecimento de botânica — de um amontoado confuso de árvores e arbustos, dos mais diversos tamanhos e com uma imensa variedade de tonalidades verdes. A visão que um índio Tupi tem deste mesmo cenário é totalmente diversa: cada um desses vegetais tem um significado qualitativo e uma referência espacial. Ao invés de dizer como nós: "encontro-lhe na esquina junto ao edifício x", eles freqüentemente usam determinadas árvores como ponto de referência. Assim, ao contrário da visão de um mundo vegetal amorfo, a floresta é vista como um conjunto ordenado, constituído de formas vegetais bem definidas.

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante. Até recentemente, por exemplo, o homossexual corria o risco de

1. Como a cultura influencia a forma como vemos o mundo?
A cultura funciona como uma lente através da qual interpretamos tudo ao nosso redor. Ela não apenas nos fornece nomes para as coisas, mas organiza a própria realidade.
- Organização do Espaço: Enquanto um botânico pode ver a Amazônia como um emaranhado de árvores, um indígena Tupi a vê como um conjunto ordenado, onde cada planta possui significado e serve como ponto de referência espacial.
-Condicionamento de Valores: Nossa herança cultural nos ensina a reagir positiva ou negativamente a certos comportamentos. O que uma sociedade rotula como "desviante", outra pode considerar sagrado ou natural, como exemplificado pelas diferentes percepções sobre a homossexualidade e a prostituição em contextos históricos distintos.
-Ações Fisiológicas: Até atos biológicos, como o riso ou o parto, são padronizados culturalmente. Rimos por motivos diferentes e de formas diferentes conforme o que nossa cultura dita ser apropriado.

2. As pessoas percebem a realidade da mesma forma?
Não. O texto enfatiza que indivíduos de culturas diferentes possuem "visões desencontradas das coisas". O "Nós" vs. "Os Outros": Existe uma propensão humana chamada etnocentrismo, que nos faz acreditar que nosso modo de vida é o mais "correto" ou "natural". Isso cria uma barreira de percepção onde o estrangeiro é visto com estranheza ou até como "não-humano". A Ilusão da Uniformidade: Tendemos a achar que todos os membros de um grupo de fora são iguais (ex: "todos os japoneses riem igual"), enquanto percebemos variações sutis dentro do nosso próprio grupo. Na verdade, todos estão seguindo padrões culturais que um observador externo não consegue distinguir de imediat

Como isso pode aparecer na escola?
Na escola: No refeitório ou na sala de aula, comportamentos como a forma de sentar, caminhar ou gesticular podem ser interpretados pela escola como "indisciplina" ou "má educação". Na verdade, o aluno está apenas reproduzindo os padrões que fazem parte de sua herança cultural familiar.

- Na escola: Isso aparece quando grupos de alunos discriminam um colega estrangeiro ou de outra região devido ao seu sotaque, vestimenta ou hábitos alimentares (como o lanche que traz de casa). O "choque" ocorre porque os alunos julgam o outro a partir de sua própria lente cultural, catalogando o diferente como "absurdo" ou "imoral".

- Na escola: Um aluno pode rir em um momento que o professor considera "desagradável" ou inapropriado (como os japoneses citados no texto), não por desrespeito, mas por uma norma de etiqueta ou reação culturalmente aprendida para lidar com o nervosismo.

-a escola: Isso se reflete na forma como meninos e meninas são incentivados a ocupar o espaço do pátio ou a se expressar. A escola muitas vezes reforça esses "comportamentos padronizados por um sistema cultural", punindo ou estranhando aqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria (o chamado "comportamento desviante"). A escola, portanto, é um local onde o etnocentrismo precisa ser mediado para evitar que a dicotomia "nós e os outros" resulte em racismo, intolerância ou violência

agressões físicas quando era identificado numa via pública e ainda é objeto de termos depreciativos. Tal fato representa um tipo de comportamento padronizado por um sistema cultural. Esta atitude varia em outras culturas. Entre algumas tribos das planícies norte-americanas, o homossexual era visto com,-) um ser dotado de propriedades mágicas, capaz de servir de mediador entre o mundo social e o sobrenatural, e portanto respeitado. Um outro exemplo de atitude diferente de comportamento desviante encontramos entre alguns povos da Antigüidade, onde a prostituição não constituía um fato anômalo: jovens da Lícia praticavam relações sexuais em troca de moedas de ouro, a fim de acumular um dote para o casamento.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Graças ao que foi dito acima, podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças lingüísticas, o fato de mais imediata observação empírica.

Mesmo o exercício de atividades consideradas como parte da fisiologia humana podem refletir diferenças de cultura. Tomemos, por exemplo, o riso. Rir é uma propriedade do homem e dos primatas superiores. O riso se expressa, primariamente, através da contração de determinados músculos da face e da emissão de um determinado tipo de som vocal. O riso exprime quase sempre um estado de alegria. Todos os homens riem, mas o fazem de maneira diferente por motivos diversos.

A primeira vez que vimos um índio Kaapor rir foi um motivo de susto. A emissão sonora, profundamente alta, assemelhava-se a imaginários gritos de guerra e a expressão facial em nada se assemelhava com aquilo que estávamos acostumados a ver. Tal fato se explica porque cada cultura tem um determinado padrão para este fim. Os alunos de uma nossa sala de aula, por exemplo, estão convencidos de que cada um deles tem um modo particular de rir, mas um observador estranho a nossa cultura comentará que todos eles riem de uma mesma forma. Na verdade, as diferenças percebidas pelos estudantes, e não pelo observador de fora, são variações de um mesmo padrão cultural. Por isto é que acreditamos que todos os japoneses riem de uma mesma maneira. Temos a certeza de que os japoneses também estão convencidos que o riso varia de indivíduo para indivíduo dentro do Japão e que todos os ocidentais riem de modo igual.

Pessoas de culturas diferentes riem de coisas diversas. O repetitivo pastelão americano não encontra entre nós a mesma receptividade da comédia erótica italiana, porque em nossa cultura a piada deve ser temperada com uma boa dose de sexo e não melada pelo arremesso de tortas e bolos na face do adversário. Voltando aos japoneses: riem muitas vezes por questão de etiqueta, mesmo em momentos evidentemente desagradáveis. Enfim, poderíamos continuar indefinidamente mostrando que o riso é totalmente condicionado pelos padrões culturais, apesar de toda a sua fisiologia.

Ainda com referência às diferentes maneiras culturais de efetuar ações fisiológicas, gostaríamos de citar o clássico artigo de Marcel Mauss, (1872-1950) "Noção de técnica corporal"[2], no qual analisa as formas como os homens, de sociedades diferentes, sabem servir-se de seus corpos. Segundo Mauss, podemos admitir com certeza que se "uma criança senta-se à mesa com os cotovelos junto ao corpo e permanece com as mãos nos joelhos, quando não está comendo, ela é inglesa. Um jovem francês não sabe mais se dominar: ele abre os cotovelos em leque e apóia-os sobre a mesa". Não é difícil imaginar que a posição das crianças brasileiras, nesta mesma situação, pode ser bem diversa.

Como exemplo destas diferenças culturais em atos que podem ser classificados como naturais, Mauss cita ainda as técnicas do nascimento e da obstetrícia. Segundo ele, "Buda nasceu estando sua mãe, Mãya, agarrada, reta, a um ramo de árvore. Ela deu ã luz em pé. Boa parte das mulheres da Índia ainda dão à luz desse modo". Para nós, a posição normal é a mãe deitada sobre as costas, e entre os Tupis e outros índios brasileiros a posição é de cócoras. Em algumas regiões do meio rural existiam cadeiras especiais para o parto sentado. Entre estas técnicas pode-se incluir o chamado parto sem dor e provavelmente muitas outras modalidades culturais que estão ã espera de um cadastramento etnográfico.

Dentro de uma mesma cultura, a utilização do corpo é diferenciada em função do sexo. As mulheres sentam, caminham, gesticulam etc. de maneiras diferentes das do homem. Estas posturas femininas são copiadas pelos travestis.

Resumindo, todos os homens são dotados do mesmo equipamento anatômico, mas a utilização do mesmo, ao invés de ser determinada geneticamente (todas as formigas de uma dada espécie usam os seus membros uniformemente), depende de um aprendizado e este consiste na cópia de padrões que fazem parte da herança cultural do grupo.

Não pretendemos nos estender neste ponto porque os exemplos seriam inumeráveis, mas vamos acrescentar mais um exemplo: o homem recupera a sua energia, a sua força de trabalho, através da alimentação. Esta é realizada de formas múltiplas e com alimentos diferentes.

É evidente e amplamente conhecida a grande diversidade gastronômica da espécie humana. Freqüentemente, esta diversidade é utilizada para classificações depreciativas; assim, no início do século os americanos denominavam os franceses de "comedores de rãs". Os índios Kaapor discriminam os Timbira chamando-os pejorativamente de "comedores de cobra". E a palavra potiguara pode significar realmente "comedores de camarão", mas resta uma dúvida lingüística desde que em Tupi ela soa muito próximo da palavra que significa "comedores de fezes".

As pessoas não se chocam, apenas, porque as outras comem coisas diferentes, mas também pela maneira que agem à mesa. Como utilizamos garfos, surpreendemo-nos com o uso dos palitos pelos japoneses e das mãos por certos segmentos de nossa sociedade:

"Vida de Pará,
Vida de descanso,
Comer de arremesso E
dormir de balanço."

Em algumas sociedades o ato de comer pode ser público, em outras uma atividade privada. Alguns rituais de boas

maneiras exigem um forte arroto, após a refeição, como sinal de agrado da mesma. Tal fato, entre nós, seria considerado, no mínimo, como indicador de má educação. Entre os latinos, o ato de comer é um verdadeiro rito social, segundo o qual, em horas determinadas, a família deve toda sentar-se à mesa, com o chefe na cabeceira, e somente iniciar a alimentação, em alguns casos, após mia prece.

Roger Keesing em seu manual *New Perspectives in Cultural Anthropology*[3] começa com uma parábola que aconteceu ser verdadeira: "Uma jovem da Bulgária ofereceu um jantar para os estudantes americanos, colegas de seu marido, e entre eles foi convidado um jovem asiático. Após os convidados terem terminado os seus pratos, a anfitriã perguntou quem gostaria de repetir, pois uma anfitriã búlgara que deixasse os seus convidados se retirarem famintos estaria desgraçada. O estudante asiático aceitou um segundo prato, e um terceiro — enquanto a anfitriã ansiosamente preparava mais comida na cozinha. Finalmente, no meio de seu quarto prato o estudante caiu ao solo, convencido de que agiu melhor do que insultar a anfitriã pela recusa da comida que lhe era oferecida, conforme o costume de seu país." Esta parábola, acrescenta Keesing, reflete a condição humana. O homem tem despendido grande parte da sua história na Tora, separado em pequenos grupos, cada um com a sua própria linguagem, sua própria visão de mundo, seus costume, e expectativas.

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como conseqüência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais.

O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. As autodenominações de diferentes grupos refletem este ponto de vista. Os Cheyene, índios das planícies norte-americanas, se autodenominavam "os entes humanos"; os Akuáwa, grupo Tupi do Sul do Pará, consideram-se "os homens"; os esquimós também se denominam "os homens"; da mesma forma que os Navajo se intitulavam "o povo". Os australianos chamavam as roupas de "peles de fantasmas", pois não acreditavam que os ingleses fossem parte da humanidade; e os nossos Xavante acreditam que o seu território tribal está situado bem no centro do mundo. É comum assim a crença no povo eleito, predestinado por seres sobrenaturais para ser superior aos demais. Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros.

A dicotomia "nós e os outros" expressa em níveis diferentes essa tendência. Dentro de uma mesma sociedade, a divisão ocorre sob a forma de parentes e não-parentes. Os primeiros são melhores por definição e recebem um tratamento diferenciado. A projeção desta dicotomia para o plano extragrupal resulta nas manifestações nacionalistas ou formas mais extremadas de xenofobia.

O ponto fundamental de referência não é a humanidade, mas o grupo. Daí a reação, ou pelo menos a estranheza, em relação aos estrangeiros. A chegada de um estranho em determinadas comunidades pode ser considerada como a quebra da ordem social ou sobrenatural. Os Xamã Suruí

(índios Tupi do Pará) defumam com seus grandes charutos rituais os primeiros visitantes da aldeia, a fim de purificá-los e torná-los inofensivos.

O costume de discriminar os que são diferentes, porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade. A relação de parentesco consangüíneo afim pode ser tomada como exemplo. Entre os romanos, a maneira de neutralizar os inconvenientes da afinidade consistia em transformar a noiva em consangüínea, incorporando-a no clã do noivo pelo do ritual de carregá-la através da soleira da porta (ritual este perpetuado por Hollywood). A noiva japonesa tem a cabeça coberta por um véu alto que esconde os "chifres" que representam a discórdia a ser implantada na família do noivo com o início da relação afim. Um outro exemplo são as agressões verbais, e até físicas, praticadas contra os estranhos que se arriscam em determinados bairros periféricos de nossas grandes cidades.

Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.

2. A Cultura Interfere no Plano Biológico

Vimos, acima, que a cultura interfere na satisfação das necessidades fisiológicas básicas. Veremos, agora, como ela pode condicionar outros aspectos biológicos e até mesmo decidir sobre a vida e a morte dos membros do sistema.

Comecemos pela reação oposta ao etnocentrismo, que é a apatia. Em lugar da superestima dos valores de sua própria sociedade, numa dada situação de crise os membros de uma cultura abandonam a crença nesses valores e, conseqüentemente, perdem a motivação que os mantém unidos e vivos. Diversos exemplos dramáticos deste tipo de comportamento anômico são encontrados em nossa própria história.

Os africanos removidos violentamente de seu continente (ou seja, de seu ecossistema e de seu contexto cultural) e transportados como escravos para uiva terra estranha habitada por pessoas de fenotipia, costumes e línguas diferentes, perdiam toda a motivação de continuar vivos. Muitos foram os suicídios praticados, e outros acabavam sendo mortos pelo mal que foi denominado de banzo. Traduzido como saudade, o banzo é de fato uma forma de morte decorrente da apatia.

Foi, também, a apatia que dizimou parte da população Kaingang de São Paulo, quando teve o seu território invadido

como se fosse uma depressão